

Protagonistas de saia

Fotos: Ricardo Borba



JOSEFA: GRÁVIDA DE SETE MESES, ENFRENTOU DEZ DIAS EM UM PAU-DE-ARARA ATÉ CHEGAR A BRASÍLIA, ONDE LAVOU E PASSOU ROUPAS PARA OS PEÕES

“Mas eu não reclamava, não. Ficava com raiva quando ouvia alguma mulher reclamando”, recorda Mercedes Parada, 78 anos, que chegou em 1955 e ajudou o marido, o engenheiro Joffran Parada, a fazer as primeiras medições das fazendas que seriam desapropriadas para dar lugar ao Distrito Federal. O tempo e a motivação de outras companheiras se encarregaram de demover quem veio contra a vontade, com a idéia de abandonar Brasília.

MARIDOS

“Ouvindo as queixas de uma vizinha, aconselhei a ela que ficasse por aqui mesmo, que isso aqui iria ser muito bom no futuro. Estava com medo de perder a vizinha”, confessa Mercedes. A tal amiga mora até hoje numa casa nas quadras 700 da W3 Sul. Assim como Mercedes, a maioria das mulheres chegou a tiracolo nos maridos.

Algumas nada felizes, outras eufóricas, pois tinham a certeza de que participavam de um momento histórico, de um momento único. “Ouvia falar na construção da nova capital desde os 14 anos. E sempre me imaginava participando desse desafio”, conta a entusiasmada Natanry, que foi das primeiras turmas de professoras que deram aulas nos acampamentos.

“Elas foram muito importantes no papel de educadoras. A primeira escola foi inaugurada ainda em 1957, com 18 professoras, onde hoje é a Candangolândia”, conta o médico Ernesto Silva, presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), na época da construção de Brasília.

Outras mulheres chegaram à futura cidade sem a noção de que também eram desbravadoras. Vieram em busca unicamente da sobrevivência. Chegaram à cidade para tentar uma vida melhor da que tinham em terras nordestinas. “Levamos dez dias numa viagem de pau-de-arara do Rio Grande do Norte até o Triângulo Mineiro. Estava grávida de sete meses. Depois de algum tempo, completamos a viagem até Brasília”, lembra Josefa França, 65 anos, que logo quando chegou ao imenso canteiro de obras costumava lavar e engomar as roupas dos peões.

HISTÓRIAS DE POEIRA E ESPERANÇA

VENCENDO AS DIFICULDADES

Nos anos que antecederam a inauguração de Brasília, todos os caminhos do Nordeste pareciam levar aos canteiros de obra da futura capital do país. Como tantas nordestinas que seguiram os maridos, Josefa França deixou o Rio Grande do Norte rumo a Brasília. Viajou de pau-de-arara carregando três filhos pela mão e outro na barriga.

Antes de completar a viagem, parou no Triân-

gulo Mineiro e ficou alguns meses, até depois de nascer o bebê. Logo que chegou a Brasília, tratou de conseguir uma ocupação. O marido havia se empregado numa construtora. Foi no acampamento dessa construtora que Josefa foi morar, no que hoje é a Vila Planalto. “Comecei a lavar e a passar roupa de peão”, conta Josefa. Foi a partir dos trabalhos domésticos que Brasília começou a surgir para ela como uma terra promissora, apesar das dificuldades. “Foi com esse trabalho que ajudei a criar meus nove filhos”, lembra.



NATANRY: UMA DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS DA NOVA CAPITAL

NO IMPROVISO, COM MUITO ORGULHO

O destino queria mesmo que a goiana Natanry Osório viesse morar em Brasília. Ela visitou a cidade em junho de 1958. “Vim ver uma festa junina no aeroporto de Brasília, que ainda era de madeira. Olhei para aquele deserto, diante daquele frio, e percebi o desafio. Pensei: é uma boa causa para eu abraçar.”

E abraçou mesmo. Quis o destino que ela casasse, em 1959, com um advogado que já vivia em Brasília. Antônio Carlos Osório montou o primeiro escritório de Direito na Cidade Livre, onde o casal foi morar. “Ficamos num quarto de hotel extremamente precário. O nosso guarda-roupas era um cordão esticado, onde a gente pendurava as roupas.”

Natanry atendeu à convocação para ser professora. “Cada um queria dar o seu sangue, o seu suor. Sem isso, Brasília não teria acontecido”, afirma. Ela ensinou na primeira escola construída em Taguatinga, em 1959. Sua primeira turma tinha 50 crianças. “Conseguimos alfabetizar quase todos.”

A PRIMEIRA “OPERÁRIA”

Ela foi a primeira mulher a pisar no cerrado com o objetivo de construir Brasília. Veio em 1955 com o marido engenheiro (Joffran Parada) acompanhar as primeiras medições das fazendas que seriam desapropriadas para ceder lugar ao Distrito Federal. Era uma espécie de agregada da Comissão de Cooperação para a Mudança Capital.

“Meu marido toda a vida sonhou com a mudança da capital. Era um entusiasmado e acabei me contagiando com a idéia.” Passaram al-

gum tempo indo e vindo, até que construíram uma casa de madeira onde hoje é a Candangolândia. Mercedes aprendeu a fazer cálculos e medições. Em pouco tempo, era o braço direito de Joffran.

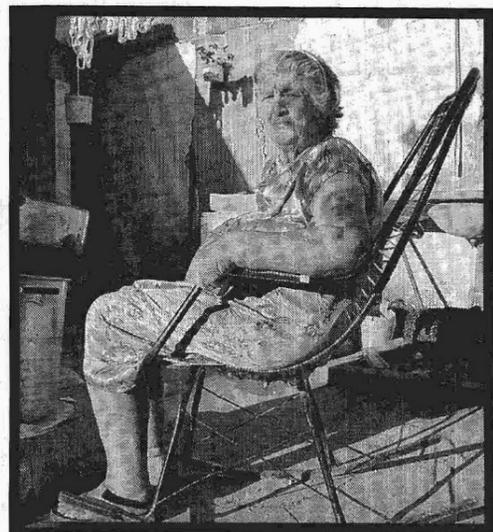
“A gente, às vezes, amanhecia o dia sem ter dormido”, recorda. Para ela, é impossível não se emocionar lembrando aquela época. “Foi um tempo de muito trabalho e eu tenho muitas saudades. Era muito melhor que hoje.”

TEMPO QUE DEIXOU SAUDADE

O fogão a lenha, os panelões e os temperos foram companheiros inseparáveis da mineira Wanda Marques durante a construção de Brasília. Natural da cidade mineira de Uberlândia, ela se especializou em alimentar peão de obra. Por semana, eram 90 quilos de arroz para o batalhão que procurava diariamente sua casa na Vila Planalto.

“Cozinhei para os trabalhadores da Catedral e do Teatro Nacional”, fala, orgulhosa. A carga de trabalho na cozinha era proporcional ao tamanho dos prédios, que aumentavam de tamanho a cada dia. Wanda atravessa noites temperando comidas e lavando panelas.

“Minha mesa era farta. Tinha lugar para 18 pratos. Era saindo uma turma e chegando outra. Todo mundo comia o tanto que queria”, gaba-se. Nem os sábados e os domingos eram livres. A trabalhadora traz saudades à mineira, que teve cinco filhos, 17 netos e 17 bisnetos. “Se pudesse, fazia tudo de novo.”



WANDA: COZINHEIRA DOS OPERÁRIOS DA CATEDRAL

Tarciano Ricarto

Da equipe do Correio

As saias eram raridade no cerrado, onde predominavam bermudas e calças compridas. Davam um toque de graciosidade e beleza ao ambiente hostil da construção de Brasília. De longe, quando eram avistadas, atraíam um exército de olhares masculinos. Pudera. Não paravam quietas, entregues ao vento que lhes davam uma agitação sem fim. Também é verdade que não conseguiam permanecer limpas por muito tempo. Rapidamente, eram tingidas pelo pó vermelho soprado pela ventania. Tempos difíceis aqueles, para a vaidade feminina, no final dos anos 50.

Os cabelos eram avessos aos penteados e a pele exibia uma eterna secura. A dificuldade em manter a boa aparência era apenas um entre tantos motivos capazes de provocar a desistência das mulheres que vieram para Brasília conviver com o vento e a poeira. Razões para que elas voltassem à terra natal não faltaram (algumas até voltaram), mas a vontade de ajudar a construir a nova cidade se mostrou um potente combustível na resistência às adversidades do ambiente.

Muitas delas largaram o conforto de lares requintados, onde o supérfluo se confundia com o necessário, e vieram morar em barracos de madeira ou em quartos de hotéis com instalações precárias. “Para eu ficar de pé, meu marido tinha que deitar na cama, de tão pequeno que era o quarto do hotel”, recorda a pioneira Natanry Osório, de família de políticos goianos, que veio morar em Brasília em 1959. Na verdade, nem Brasília era ainda.

O local era o acampamento batizado de Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Era o que de mais urbano havia naquela época. Talvez por chegar em número menor do que o de homens, as mulheres foram relegadas pela história a um papel de coadjuvantes na construção. Pura mentira. A força feminina precisou ser redobrada, para dar conta de tarefas num lugar onde os homens (que eram maioria), estavam centrados no trabalho braçal de erguer Brasília em tempo recorde.

O censo de 1960, primeiro realizado em Brasília, revelou a supremacia do contingente masculino — àquela altura já decaído, se comparada aos tempos da construção. O levantamento mostrou que, na faixa etária de 20 a 49 anos, a quantidade de homens (46.699) era o dobro da de mulheres (23.262). Antes dessa época, não há dados sobre a população que veio construir Brasília. Mas certamente a relação era desvantajosa para as mulheres.

NO IMPROVISO

“Era homem que não acabava mais”, lembra Wanda de Oliveira Marques, 76, que passou dias e noites cozinhado para os peões que construíram prédios como a Catedral e o Teatro Nacional. Cumprindo obrigações que iam dos afazeres domésticos aos trabalhos intelectuais, as mulheres deram, sim, a devida contribuição para Brasília transpor o sonho do papel e virar a realidade do concreto armado.

Pobres e ricas, elas se misturaram nos acampamentos improvisados onde doutores (engenheiros, médicos, advogados...) se misturavam aos peões, que desciam aos montes dos paus-de-arara. No início da construção da cidade, todas elas foram submetidas ao mesmo desconforto. Era difícil cozinhar, tomar banho, comprar comida, dormir. Tudo era na base do improviso.